

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**Desorganizar e inventar existências: O absurdo como ferramenta de
escuta terapêutica**

Marco do Espírito santo

Pelotas, 2023

Marco Vinício Pereira do Espírito Santo

**Desorganizar e inventar existências: O Absurdo como ferramenta de
escuta terapêutica**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado na Faculdade de
Medicina, Psicologia e Terapia
Ocupacional da Universidade Federal
de Pelotas, como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Hudson Cristiano Wander de Carvalho

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237d Santo, Marco Vinício Pereira do Espírito

Desorganizar e inventar existências : o absurdo como ferramenta de escuta terapêutica / Marco Vinício Pereira do Espírito Santo ; Hudson Cristiano Wander de Carvalho, orientador. — Pelotas, 2023.

40 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Psicologia. 2. Clínica. 3. Diagnóstico. 4. Escuta. 5. Existência. I. Carvalho, Hudson Cristiano Wander de, orient. II. Título.

CDD : 150

Marco Vinício Pereira do espírito Santo

Desorganizar e inventar existências: O Absurdo como ferramenta de escuta
terapêutica

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para
obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Hídrica, Centro de
Desenvolvimento Tecnológico, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 13 de setembro de 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Édio Raniere da Silva

Pós-Doutor em Filosofia pela Université Paris-Nanterre

Prof. Dr. Hudson Cristiano Wander De Carvalho (Orientador)

Doutorado em Psiquiatria e Psicologia Médica Universidade Federal de São
Paulo

Prof. Dr^a. Mariana Camilo de Oliveira

Doutoranda na Universidad de Buenos Aires, Argentina

Com amor, para Fernanda e Arthur.

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a todos (as) que desempenharam um papel fundamental na realização deste trabalho de conclusão de curso. Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador professor Drº Hudson, pela orientação valiosa, paciência e orientação acadêmica que proporcionou ao longo deste processo. Seu conhecimento e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, bem como para a minha formação em psicologia.

Aos meus colegas e amigos (as) que compartilharam este percurso comigo, muito obrigado por suas discussões construtivas. Vocês fizeram essa jornada muito mais agradável e inspiradora.

Por fim, agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram para este trabalho, mesmo que não mencionados aqui. Cada palavra de encorajamento, conselho e assistência foi fundamental.

Este TCC é dedicado a todos vocês, e estou profundamente grato por fazerem parte deste importante capítulo da minha jornada acadêmica. Muito obrigado!

Com carinho,

Marco

Resumo

ESPÍRITO SANTO, Marco Vinício Pereira do. **Desorganizar e inventar existências: O Absurdo como ferramenta de escuta terapêutica**. 2023. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Curso de Graduação em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

Neste trabalho de conclusão de curso, o autor desenvolve uma análise das práticas de escuta de pacientes, as quais foram conduzidas durante o seu período de estágio clínico no Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O documento está dividido em duas partes distintas, cada uma com seu enfoque característico. Na primeira seção, o autor compartilha com o leitor as suas reflexões, anseios e pensamentos que antecederam o início dos atendimentos clínicos. Estas reflexões se baseiam em anotações detalhadas e observações registradas no seu caderno de campo. Já na segunda parte do texto, a atenção se volta para a tentativa de conceitualizar as reverberações dessa prática de escuta. O autor inicia questionando o significado subjacente à escuta, explorando as suas múltiplas nuances. Este processo reflexivo despertou inquietações, conduzindo o autor a buscar orientações e supervisões no intuito de aprofundar a compreensão do ato de escutar. Neste sentido, o texto incorpora influências filosóficas, como as perspectivas de Nietzsche e Camus, enquanto navega pelo terreno do existencialismo, niilismo e do conceito de absurdo. O mito de Sísifo, que eternamente rola uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta, é evocado como uma metáfora. Ademais, o autor também considera o papel da escuta no contexto do vazio existencial e da ausência de um propósito intrínseco à existência. Este processo de busca por sentido gera uma angústia existencial, trazendo à tona a inevitabilidade de tomar decisões éticas e estéticas diante da realidade. A responsabilidade emerge como uma consequência natural dessas escolhas. A abordagem adotada no ensaio é holística, procurando compreender a interconexão entre o vazio existencial, a responsabilidade e as escolhas éticas e estéticas, bem como o impacto desses elementos na experiência humana. O objetivo central do ensaio reside em desenvolver a hipótese de que a prática de escuta psicológica pode de alguma forma se relacionar com o conceito de absurdo, especialmente no contexto de pacientes que buscam diagnósticos. O texto explora a origem e a evolução do conceito de absurdo, bem como a sua relação com o movimento existencial, apresentando a hipótese de que o absurdo pode desorganizar a compreensão convencional do sentido, constituindo-se como o tema central deste ensaio. Em resumo, o autor convida os leitores a uma reflexão profunda sobre a natureza da escuta psicológica, o vazio existencial, a responsabilidade e a incessante busca por sentido na vida. O texto desafia a premissa de alcançar conclusões definitivas, enfatizando a intrincada complexidade dessas questões e, ao invés de oferecer respostas conclusivas, deixa o leitor com perguntas abertas e reflexões profundas.

Palavras-chave: Existência; clínica; diagnóstico; escuta; existencialismo.

Abstract

In this thesis, the author engages in an analysis of patient listening practices, which were conducted during their clinical internship at the Psychology School Service of the Universidade Federal de Pelotas (UFPel). The article is divided into two distinct sections, each with its characteristic focus. In the first section, the author shares with the reader their reflections, anxieties, and thoughts preceding the commencement of clinical sessions. These reflections are based on detailed notes and observations recorded in their field notebook. In the second part of the text, the focus shifts towards attempting to conceptualize the reverberations of this listening practice. The author begins by questioning the underlying meaning of listening, exploring its multiple nuances. This reflective process stirred up restlessness, leading the author to seek guidance and supervision in order to deepen their understanding of the act of listening. In this regard, the text incorporates philosophical influences, such as the perspectives of Nietzsche and Camus, while navigating the terrain of existentialism, nihilism, and the concept of the absurd. The myth of Sisyphus, forever rolling a stone up a mountain, only to see it roll back down, is evoked as a metaphor. Furthermore, the author also considers the role of listening in the context of existential void and the absence of an intrinsic purpose to existence. This quest for meaning generates existential angst, bringing to the forefront the inevitability of making ethical and aesthetic choices in the face of reality. Responsibility emerges as a natural consequence of these decisions. The approach taken in the essay is holistic, aiming to understand the interconnection between existential void, responsibility, and ethical and aesthetic choices, as well as the impact of these elements on the human experience. The central objective of the essay is to develop the hypothesis that psychological listening practices can in some way relate to the concept of the absurd, especially in the context of patients seeking diagnoses. The text explores the origin and evolution of the concept of the absurd, as well as its relationship with the existential movement, presenting the hypothesis that the absurd can disrupt conventional understanding of meaning, constituting the central theme of this essay. In summary, the author invites readers to engage in profound reflection on the nature of psychological listening, existential void, responsibility, and the perpetual quest for meaning in life. The text challenges the premise of reaching definitive conclusions, emphasizing the intricate complexity of these issues, and, instead of offering conclusive answers, leaves the reader with open questions and profound reflections.

Key-words: Existence; clinical; diagnosis; listening; existentialism.

Sumário

Introdução	11
Aurora da escuta	12
Anotações do caderno de campo	12
No rastro da palavra	15
O encontro e a escuta: primeiro atendimento	18
Nuances da escuta	19
O germinar das palavras: problematizações da escuta	22
A trama da teia	23
Conclusão	35
Referências	38

Si yo le pregunto al mundo,
el mundo me ha de engañar.
Cada cual cree que no cambia,
y que cambian los demás.

(Atahualpa Yupanqui)

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso traça uma reflexão a partir das escutas de pacientes realizadas durante os Estágios de Clínica no Serviço Escola de Psicologia (SEP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O texto está dividido em dois momentos. Primeiro, apresento os meus rastros neste percurso; anseios, angústias, pensamentos que antecedem o primeiro atendimento. Baseio-me nas anotações e reflexões do caderno de campo. Já no segundo momento do texto, tento conceitualizar as reverberações desta escuta. O que foi isso, a escuta? Como compreender essas palavras, suas nuances? Tais questionamentos me trouxeram inquietações e, a partir das orientações e supervisões, procurei referências para compreendê-las. A partir daí andamos com Nietzsche, Camus; vagamos pelas sendas do existencialismo, do niilismo, do absurdo, passamos por Sísifo que cumpria sua sentença de rolar rochedos. Fomos ao encontro dos comentadores, refletimos, flertamos com a arte, com a literatura. Por fim, apresentamo-nos como estes andarilhos que percorrem longas distâncias e sentam-se para contar o que viram e ouviram pelas lonjuras que percorreram. Adianto! Trouxemos dúvidas, estranhamentos, desmedidas. Nada a concluir!

Pensamos a escuta e sua possível relação com o conceito de absurdo e suas ramificações, especialmente diante do vazio existencial e da ausência de um sentido a priori da existência. Buscamos compreender como lidamos com nossas angústias resultante desse vazio e da necessidade inevitável de fazer escolhas éticas e estéticas diante da realidade. A responsabilidade surge como uma consequência dessa inevitabilidade de escolha. Nossa abordagem será holística, considerando a interconexão entre a angústia do vazio existencial, a responsabilidade e as escolhas éticas e estéticas, buscando uma compreensão do impacto desses elementos na existência. Este ensaio tem como objetivo desenvolver a hipótese de uma escuta que se relacione de algum modo com o absurdo, hipótese que surge a partir da escuta de pacientes que buscam diagnósticos e, assim, nos instiga a pensar na relação dessa busca com a produção de sentido existencial. Primeiro apresento a gênese do conceito de

absurdo e sua relação com o movimento existencial, visto como uma alternativa à prática tradicional da produção filosófica. Essa discussão busca situar o leitor sobre a origem do conceito e o contexto filosófico em que surgiu. Por fim, abordo a hipótese do absurdo como um desorganizador de sentidos, que é o tema central deste ensaio.

Aurora da escuta

Depois da longa período de pandemia, difícil e doloroso, nos prepara um novo amanhecer que coincide com o começo do meu Estágio de Clínica. Em minha caderneta de anotações rotineiramente escrevo pensamentos, anotações que me auxiliam na tarefa de compreender essa nova aurora, a aurora do meu processo escuta.

Anotações do caderno de campo

Pelotas, fevereiro de 2022



Figura 1 Viandante (Desenho de autoria do autor, 2023)

Amanhã marca o início do Estágio Clínico, a etapa mais esperada do Curso de Psicologia. Nesta morna noite de fevereiro, eu faço a minha leitura do sossego, aquela que encerra o dia e prepara o sono. Releio Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*. Esse é um daqueles contos ao qual nos prendemos como num eterno retorno, mas não um eterno retorno do mesmo, pois conto e leitor, sempre inéditos, se reencontram no fluxo das imagens, das palavras. Estou ansioso e desatento, a leitura de hoje está atravessada pelo estágio que começa amanhã.

Será o estágio a minha terceira margem?

No conto de Rosa, decorre a jornada solitária de um homem que abandona sua família para viver no meio do rio, em pleno fluxo das águas, vindo a tornar-se ele próprio a terceira margem, a margem do meio, um espaço liminar e indefinido. Que figura estranha, talvez seja mesmo essa ideia, a do estranhamento, pois a figura que escolhe viver nesse lugar representa uma quebra radical com as convenções e expectativas da comunidade que o cerca. A família, os planos, os vínculos ficam na margem de onde ele parte. Sua decisão desafia a lógica e o senso comum, colocando-o em um estado de isolamento e, sobretudo, estranhamento em relação à sociedade que observa incrédula aquela decisão. As vezes esse estágio para o qual me preparo, também me parece algo liminar e indefinido, como essa terceira margem que ocupa o ponto intermediário entre o fim do curso e o começo de um outro espaço que habitarei como profissional da psicologia.

Quando penso no conto de Rosa, a escolha do personagem, me parece uma resposta à condição de estranhamento existencial, uma vez que ele reconhece a falta de sentido e a incompreensibilidade do mundo ao seu redor tudo lhe parece estranho, tanto que ele, ao se decidir por habitar o estranhamento nos leva junto. A própria paisagem do rio e sua margem indefinida evocam a ideia de absurdo que Camus desenvolve em O mito de Sísifo, não? Penso e escrevo, chega mais gente para compor minha escrita; Estágio de Clínica, o conto de Rosa, Camus a imagem de seu Sísifo preso ao rochedo. No silêncio da sala ecoa a voz de Ramil, um quarto, a cantar "Joquim, Joquim, nau da loucura no mar das ideias"¹. Penso em Sísifo mais uma vez e em seu imensurável desafio de não se tornar ele próprio rochedo, penso no homem a navegar solitário em sua canoa em pleno furor das águas. As diferentes nuances se complementam; "Nau da loucura, mar das ideias".

A terceira margem representa um espaço intermediário, um limbo entre as margens convencionais, onde a realidade parece ambígua e contraditória, pois o personagem ocupa o leito do rio, permanece no fluxo contínuo das águas. Essa noção de ambiguidade e indefinição reflete a natureza absurda da existência, na qual os significados e propósitos são elusivos e difíceis de serem

¹ RAMIL, Vitor. **Joquim**. Tango. EMI Odeon Brasil, 1987.

apreendidos, são fluídos tal como a correnteza das águas. Será a experiência do estágio assim também? A escuta? Ainda ontem eu revisava a teoria, buscava um lugar seguro; uma canoa? Mas o que pode um “escutador” senão desta canoa frágil sentir a potência do fluxo da palavra?

Reviso a linguagem, as imagens que utilizo; em vão! Nada concluo. O que contribui para a atmosfera de absurdidade a qual me proponho a pensar. A linguagem poética e simbólica utilizada por Guimarães Rosa contribui para a atmosfera de absurdidade no conto. A narrativa é permeada por metáforas e imagens que desafiam a lógica e a coerência linear, tornando nossa experiência de leitura uma jornada desafiadora e desconcertante. Essa abordagem reforça a sensação de que a realidade é misteriosa e irracional. O absurdo toca-nos!

Leio o conto, escuto a música de Ramil, escrevo como uma tentativa de explorar a absurdidade, de dar um sentido pra ela. Assemelho-me ao personagem que se afasta buscando um espaço ambíguo e indefinido, onde a racionalidade é desafiada. Sinto-me atraído a confrontar o absurdo da vida, a incompreensibilidade do mundo e a necessidade de encontrar significado e sentido em meio a essa realidade insondável.

A sós comigo mesmo, indago sobre o estágio e crio hipóteses. "Joquim, Joquim, nau da loucura no mar das ideias". Retomo o pensamento do estágio; margem, terra firme ou fluxo? É amanhã! Esse início marca um momento de encontro, de escuta, algo que difícil de descrever antecipadamente. Reflito sobre as palavras que compõem as histórias tal como essa que acabei de ler, detenho-me a examinar o “recheio”, aquilo que demais íntimo está posto dentro dessas palavras que penso e escrevo.

Amanhã vou conhecer alguém. A palavra "conhecer" me sugere rima com "nascer". Quando nasce, a gente já rompe com o silêncio nem que seja começando a ouvir, nem que esteja chorando, nem que seja causando algum alvoroço de alegria em alguém. Então, quando nascemos, alguma coisa de nós, também nasce no outro. Será que o encontro na clínica evoca a sensação de um nascimento mútuo, em que tanto eu quanto o outro rompe o véu do desconhecido e, a partir daí, nos apresentamos, ausentamos e reapresentamos, reiteradas vezes tornando-nos (des)conhecidos? Se assim for, na história que

nos conta Rosa, o rio nasceu para aquele homem no momento que ele passou a habitar as águas, assim como o rochedo nasce para Sísifo quando para lá é enviado. Amanhã marca meu nascimento para uma escuta. Quem serei eu e quem será este outro após esse nascimento?

No rastro da palavra

A etimologia da frase *Estágio de Clínica*, sempre me pareceu intrigante. Resolvi explorar a constituição, a estrutura própria dos termos. A *clínica* a uns fascina, em outros causa incômodos, para mim parecia uma incógnita. De que se trata? Mergulhemos no labirinto próprio das palavras, dos termos. A etimologia nos convida a explorar nuances de significados sutilmente entrelaçados ao longo das eras. Cada termo que usamos carrega consigo uma complexidade que, quase sempre nos escapa, tecida por raízes, prefixos e sufixos que remontam às mais longínquas épocas. A palavra não é simplesmente uma unidade de comunicação; é um vestígio vivo, um elo entre diferentes épocas e culturas. Dentro de uma palavra pequena cabem mundos, coros de vozes antigas e matizes de eras distantes de nós.

Ao examinarmos a origem de uma palavra qualquer, somos levados a uma jornada através das línguas antigas, desde as tabuinhas de argila das civilizações antigas até os pergaminhos dos eruditos medievais. Cada derivação e interpretação ao longo desse caminho contribui para a evolução do significado de uma palavra, conferindo-lhe profundidade e contexto. Anoto *Estágio Clínico* em minha caderneta, olho para a frase e penso em desenhar algo, mas em seguida separo Estágio e rescrevo a palavra com letras maiores. Qual será sua etimologia?

Lanço mão da caixa de ferramentas, o dicionário, quebrems a palavra “estágio”. Em sua origem mais remota, no grego, era *stádion*. Termo que em latim passa a designar a medida das distâncias. Com o tempo, que brinca ao redor dos caminhos², o termo evoluiu para estádio em algumas línguas

² COSTA, Gal. **Força estranha**. Gal Tropical. Universal Music Group, 1979

românticas, como o nosso português. Penso no conto de Rosa, na música de Ramiel e neste devir das palavras; tudo me remete a um fluxo, refluxo, mudança, transformação. E nós? Nau da loucura onde é tudo mar, mar de ideias. Me ocorre a citação que Érico Veríssimo que ilustrar a epígrafe de sua obra O tempo e o vento.

Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, de onde nasceu. O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento e volta fazendo os seus circuitos (Eclesiastes 1:4-6)

Poético! Mas quando Eclesiastes foi escrito, a terra era fixa, estamos além. Navegamos época fluída dinâmica tal como as águas e os ventos em seus circuitos. A própria terra também faz seus giros, seus circuitos, nem ela permanece a mesma, e nem as palavras cujos giros e circuitos seguem ao compasso dos anos e dos séculos. Elas repousam e adquirem novas roupagens. Algumas são desterradas, condenadas por povos e pátrias, sobrevivem nos confins do idioma ou são adotadas por outras nações. Assim, muito tempo depois, o termo estágio, adquiriu novos significados e passou a ser utilizado para descrever um período de treinamento ou aprendizado de uma profissão.

A palavra "estágio" passou a ser adotada para designar então um período de experiência prática e aprendizado em uma determinada atividade, especialmente quando se trata do estágio profissional de um estudante como eu, que busca inspiração em Joaquim, aventuro-me neste mar das ideias e tento ordenar as palavras de maneira que descrevam o que antecede da minha experiência, busco um sentido para o absurdo que me habita. Amanhã habitarei a terceira margem, vou para o pleno fluxo, não das águas, mas da palavra.

Quem sabe a palavra estágio ainda conserve elementos do que um dia significou, de unidade de medida? Não no sentido das medidas exatas do cálculo que Joaquim construtor usou para fazer seu avião, mas sim uma medida que amplia e dimensiona minha capacidade de escuta? O gênio louco voou em sua invenção, partindo em direção ao Rio de Janeiro. Eu não invento máquinas voadoras, mas me inspiro nele. Parece que findou inacabada a minha escrita e, com ela, preparei-me para o sono. O chá está pronto.

Tomo o primeiro gole olhando os transeuntes que descem a Rua General Argolo, onde moro, em direção a Barroso, esquina onde afogou-se o poeta Lobo da Costa na correnteza da sanga, o fluxo das águas também é implacável, nem mesmo perdoa os poetas. E o fluxo das palavras? Também afoga? Não teria o poeta antes afogando-se em palavras? Retorno a minha caderneta, fico olhando o texto que acabo de escrever e me pergunto sobre a segunda palavra da frase; o que é clínica, afinal?

Volto ao dicionário e a correnteza das palavras. O dicionário me diz que a palavra "clínica" tem origem no termo grego "klinē". Originalmente klinē designava o leito, a cama. No contexto médico, o termo era inicialmente usado para descrever a prática médica realizada junto à cama do paciente, ou seja, a observação e tratamento diretos de pacientes acamados. Me parece estranho, pois o que posso eu examinar? Minha função se assemelha com a de caminhar junto, acompanhar, testemunhar. E agora!? A palavra está aberta sobre a minha caderneta e dentro dela ecoam vozes que não me dizem nada, saíram termos aleatórios que não encaixam mais. Preciso remontá-la, junto os pedaços, mas não há meios de uni-los. Busco o dicionário tal como quem busca uma caixa de ferramentas, quero encontrar palavras sobressalentes; preciso de uma que seja flexível e que preencha a da maneira que faça mais sentido. Ramil canta:

Eu penso em Béla Bartók
Eu penso em Rita Lee
Eu penso no Stradivarius
E nos vários empregos
Que tive

Na calma da noite eu também penso. Vejam que minhas referências partem sempre dos mesmos lugares; um setor em reformas! É insuportável o eco de uma palavra vazia, procuro nas inscrições do meu corpo as palavras, das quais preciso agora, as garimpo nos abismos de mim. Penso em Epicuro, outro gênio louco que tanto navegou pelo mar das ideias, um artífice das palavras, ou seria ele uma invenção delas? Penso em *clinamen*; mais que palavra, um conceito.

O *clinamen* foi uma hipótese de Epicuro para explicar o movimento dos átomos no universo. De acordo com a teoria atomista de Epicuro, o universo é

composto por átomos indivisíveis que caem continuamente no vazio. O *clinamen* refere-se a um desvio, um salto aleatório no movimento destes átomos. Essa mudança brusca na organização seria a responsável pela formação e mudança dos objetos e fenômenos no mundo. O diferente nasce do salto, do imprevisível.

Epicuro argumentava que, devido ao *clinamen* randômico, os átomos se desviavam de sua trajetória determinista e chocavam-se uns com os outros, criando o caos e dele formando diferentes combinações. Essas colisões e combinações aleatórias resultavam na criação do diferente; corpos, plantas, animais e objetos, enfim, resultavam nas mudanças e transformações que ocorriam no mundo.

O conceito de *clinamen* randômico tinha implicações importantes na filosofia de Epicuro, particularmente em sua concepção do livre arbítrio e na negação de um destino predeterminado. Ao introduzir a ideia de um movimento aleatório dos átomos, Epicuro argumentava que o curso da vida e do universo não era totalmente determinado, mas sim influenciado por fatores imprevisíveis e contingentes.

Em síntese, o termo em questão, refere-se a esse desvio aleatório no movimento dos átomos proposto por Epicuro como parte de sua filosofia atomista. Serviu! Remontei a palavra "clínica", encaixei dentro dela o conceito de *clinamen*. Amanhã não terei estágio de clínica, apenas como um período de aperfeiçoamento do que aprendi, mas Estágio de Clínica como medida das impossibilidades, dos desvios, percepção do indeterminado. Desligo a música, fecho o livro, guardo o dicionário. Nada conclui na minha escrita, mas algo em mim se organizou. Nau da loucura no mar das ideias. Naveguemos...

O encontro e a escuta: primeiro atendimento

23 de agosto de 2022

Chego antes e preparo a sala, tudo muito simples e duas cadeiras de plástico, uma mesa, uma estante e sobre ela repousa um quadro no qual se vê a pintura de uma paisagem, uma estrada entre árvores. O vidro está quebrado.

Abro as janelas e sento-me, cumprimento os colegas que passam pelo corredor. Julho chega, nos apresentamos, senta-se. Julho é um homem trans de 22 anos de idade. Está em um relacionamento, mas o namorado mora em Porto Alegre. Vive com dificuldades financeiras, mora sozinho conta que não tem vida social, fica em casa com sua cadela com quem divide seus momentos. Conta que já fazia acompanhamento com outro estagiário, em geral não gosta de ter que trocar, pois a cada troca precisa recomeçar todo o processo, o que o irrita. Além do mais o outro estagiário não avisou que estava se formando, no último dia disse que estávamos encerrando.

Julho busca atendimento para aprender a lidar com sua ansiedade. Pergunta pela possibilidade de fazer testes que confirmem sua TDAH e bipolaridade. Conta que uma antiga psicóloga já o havia testado, mas que gostaria de uma confirmação. Julho fala das suas hipóteses e dos [testesetstes](#) online que fez. Além da TDAH e da bipolaridade, Julho também desconfiava de traços de autismo em seu comportamento.

Nuances da escuta

Conhecemo-nos, sentamo-nos
A sessão começa.
Ele chega de tantos lugares,
Dos desertos onde o pensamento mingua.
Queixa-se do que lhe falta,
algo seu, profundamente seu,
buscar é sua sina.
Na poesia do desconhecido,
nossas palavras se encontram.
Acasalam, exalam, exilam.
Nascem novas palavras,
novos contornos, entornos, recheios.
Palavras pesadas,

palavras pensadas,
alheias, outras vazias.
Algumas encontradas ao acaso,
guardamos como se fossem nossas.
Tesouros por nós reclamados.
Navegantes sem rumo.
Palavras à deriva,
lançadas ao mar das ideias.
Batem na proa dessa nau da loucura,
recolhemos, cuidamos.
Guardiões, ébrios de quimeras.
Tesouros e agouros.
Há palavras que fogem,
esgueiram-se assustadas,
Evitam o apelo.
São nossas, mas são proibidas,
soam estranhas, se faladas.
Melhor caladas!
A palavra lavra, semeia, germina,
a palavra crava, agrava, fulmina
nada sei sobre esse que escuto,
ele fala e cala, enigmático.
Exprime, exprimere, expressa, extrai.
Silêncio, silêncio, silêncio.
O silêncio pesca a palavra.
Elas preenchem o vazio,
esvaziam o preenchido.
Voam como efémeros.
Silêncio!
Ouço o leve bater de asas,
a leve vibração.
O pouso sutil da palavra na minha orelha.

Coça; um sobressalto, espanto!
Tal como a criança curiosa,
QuebRosa as palavras,
são nossos brinquedos.
ExploRosa sua anatomia, antinomia.
Seu dizer e contradizer.
Silencio é linguagem.
Entre os fonemas; há silêncio.
Entre as palavras; há silencio.
Ele reserva e preserva a palavra.
A palavra é monstra,
Monstro deriva de de monstrare,
Quem mostra, monstra
Mostramo-nos,
Monstramo-nos.
A sessão termina.
O silêncio embala.
A palavra germina.

O germinar das palavras: problematizações da escuta

Na clínica escutamos, mas também empregamos a palavra. O verbo empregar trás dentro dele a palavra pregar. Há quem venha para a clínica com palavras pregadas ao corpo, sangrando ainda. Nosso paciente chegou para os atendimentos com diagnósticos feitos às pressas, em apenas uma consulta estava tudo determinado; bipolaridade e TDAH. Aqueles termos em-pregados assim de maneira tão abrupta, soavam-me estranhos a minha escuta. Ele buscava confirmação: isso é meu? A palavra que me foi pregada é mesmo minha? Você pode confirmar? Um teste, quem sabe?

Em processo de escuta, aqueles diagnósticos dos quais Julho me falava com tanta propriedade, configuravam mesmo um corpo estranho, uma palavra pregada. Nosso desafio passou a ser o de compreender os sentidos, o que aquilo representava para o corpo que convivia com a dor da palavra a ele fixada. Busquei outras palavras, outros conceitos, pedi ajuda a artífices dos conceitos, aos mitos, a filosofia. Ao que foi empregado e pregado aos humanos de outras épocas.

A trama da teia



Figura 2 A pétala e a flor (Foto pessoal do autor, 2023)

Pensemos em Sísifo e sua imensurável tarefa de rolar o rochedo, uma metáfora da condição humana³. Condenado a empurrar eternamente uma pedra até o topo, apenas para vê-la escapar de suas mãos e retornar ao sopé da montanha de onde reinicia infinitamente a sua tarefa. Um ciclo eterno e sem esperança. Para os deuses, não havia punição mais terrível do que o trabalho inútil. Sísifo era um dos mais sábios e prudentes dentre os mortais, sua história é a narrativa do confronto contra os deuses, a quem ele desafia com sua existência. Quando Zeus raptou Egina, filha de Asopo, seu pai se queixou a Sísifo, que conhecia o paradeiro da jovem. Sísifo concordou em ajudá-lo, mas apenas se Asopo construísse um poço d'água para a cidadela de Corinto. Preferindo a bênção da água à cólera dos deuses, Sísifo foi punido com o trabalho eterno no submundo.

Além disso, Homero conta que Sísifo aprisionou a morte, fazendo com que Hades enviasse o deus da guerra para libertá-la. Sísifo também teria testado o amor de sua esposa, ordenando que ela deixasse seu corpo insepulto em praça pública quando ele morresse. Quando chegou ao submundo e descobriu que sua esposa havia cumprido o combinado, Sísifo fingindo indignação, pediu permissão a Hades para retornar à Terra e puni-la. Mas quando finalmente voltou

³ No contexto do filósofo Albert Camus, a condição humana refere-se à experiência da vida humana em um universo absurdo e indiferente.

a ver a beleza do mundo natural, do mundo da vida, ele se recusou a voltar para o mundo dos mortos.

Por muitos anos, Sísifo viveu livremente, aproveitando a vida e ignorando os chamados dos deuses para que retornasse para o seu castigo. Finalmente, Hermes o levou de volta à força para o submundo, onde o aguardava seu trabalho eterno e sem sentido: rolar a pedra montanha acima, apenas para vê-la escapar de suas mãos e rolar de volta para o sopé da montanha.

Apesar de sua tarefa ser repetitiva e aparentemente sem sentido, Sísifo poderia encontrar sentido em sua situação ao adotar uma atitude de rebelião e aceitação. O que configura sua tarefa como castigo é a falta de sentido naquilo que faz, entretanto, se Sísifo cria um sentido, o castigo perde sua função. Camus, explorou essa imagem em seu ensaio *O Mito de Sísifo*. O Autor argumenta que Sísifo poderia desafiar a absurda repetição de sua tarefa ao aceitá-la plenamente e encontrar satisfação no próprio ato de empurrar a pedra. Se Sísifo aceitasse seu castigo, mantendo-se resignado em sua tarefa? Isso seria o triunfo dos Deuses. A rebelião de Sísifo contra a inutilidade de sua tarefa daria a ele um senso de liberdade interior e controle sobre sua própria existência.

Esse mito serviu de inspiração para Albert Camus (1913-1960), desenvolver o conceito de absurdo, que é aplicado para questionar a condição humana em que a vida parece não ter sentido. A filosofia de Camus concentra-se na compreensão da condição humana e da busca constante por significado em um mundo aparentemente sem sentido, o que pode ser muito relevante para a psicologia existencial. Nessa abordagem, o objetivo é compreender a experiência subjetiva e a vivência individual da existência, em oposição a uma visão objetiva e universal.

Metáfora de nossa época? E o nosso rochedo, qual é? Ou será que, sendo tudo líquido e fluído como queria Baumann⁴, nosso castigo está em permanecer no meio do rio tal como o personagem de Rosa? Qual é propriamente a dimensão absurda das nossas vidas? E, o mais importante,

⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Como tudo isso nos ajuda a pensar a demanda de Julho, qual seja, o de compreender e confirmar os diagnósticos empregados ao seu corpo.

Gênese do Absurdo

O pensamento ocidental, que por muito tempo manteve-se ocupado de conceitos



Figura 3 O duplo (Desenho de autoria do autor, 2023)

universais, tais como; moralidade, divindade, Ser e Mundo etc., teve como objeto de sua filosofia um homem “solene, nobre, adornado com suas oferendas do passado” (BENJAMIN, 1995, p.116). Esse *modus operandi* da filosofia alcança o cenário desolado da modernidade/colonialidade, cujo contraditório se mostra na imagem do “homem contemporâneo, recém-nascido, nu e com as fraldas sujas de nossa época” (BENJAMIN, 1995, p.116). O movimento filosófico existencialista

coloca ao centro a experiência singular deste sujeito *recém-nascido e nu* para então chegar a uma compreensão de como cada um, a seu modo, pode elaborar o significado da própria existência.

Esse movimento emerge como um catalisador intelectual que influenciou de maneira significativa as revoluções dos anos sessenta. Com seu foco na liberdade individual, na autenticidade e no questionamento das estruturas sociais, o existencialismo forneceu uma perspectiva filosófica que ressoou profundamente com a geração jovem da época, a exemplo do movimento Maio de 68. Diante de uma sociedade caracterizada por conformidade e normas rígidas, o existencialismo incentivou os jovens a desafiar a autoridade estabelecida e a buscar sua própria voz, contribuindo assim para o crescimento dos movimentos de protesto e transformação social.

A década de sessenta testemunhou um profundo sentimento de desilusão em relação às estruturas sociais existentes, um sentimento que encontrou ressonância nos princípios centrais do existencialismo. A crise de sentido e a alienação exploradas pelos filósofos existencialistas ecoaram nas aspirações de uma geração que ansiava por significado e propósito mais

profundos em meio a um mundo em constante mudança. Esse encontro entre o questionamento filosófico e a experiência vivida estimulou jovens a se engajar em protestos, marchas e manifestações, desafiando a inércia das instituições e defendendo uma realidade mais alinhada com seus ideais.

O existencialismo não permaneceu apenas no campo das ideias, mas se tornou um motor que impulsionou a ação durante as revoluções dos anos sessenta. A ênfase na autenticidade pessoal e na liberdade individual inspirou um crescente número de jovens a se levantarem contra a conformidade social e a buscar alternativas. Essa filosofia instigou um desejo de autonomia e de criar um mundo mais justo, levando a ações ousadas que desafiaram paradigmas sociais e políticos. Assim, o movimento existencialista não apenas permeou os discursos intelectuais, mas também moldou a forma como a geração dos anos 60 lutou por mudanças concretas e impactantes em sua sociedade.

Em síntese, do movimento existencialista, ecoou um chamado para ação deixou uma marca indelével nas revoluções⁵, servindo como um farol para uma geração que buscava respostas diante da incerteza, desilusão e normas sociais rígidas. Sua influência impulsionou os jovens a se unirem em uma busca coletiva por um mundo mais autêntico, livre e significativo, culminando em um período marcado por protestos, movimentos sociais e transformações que repercutem até os dias atuais.

O apelo de Píndaro epígrafe de *O mito de Sísifo*, para que sua alma, não aspire a vida imortal, mas esgote antes o campo do possível⁶, ecoa através dos séculos e nos serve aqui de ilustração de uma dinâmica própria da filosofia existencial. É no *campo do possível* que se detém o existencialismo, em dado cenário é urgente que se responda aos inquietantes questionamentos acerca de quem somos e em que consiste nossa existência. Em que pese a aparente simplicidade desta categoria de questionamento, a pergunta *por que existo?* deve seu surgimento a grandes mudanças no cenário filosófico. A modernidade/colonialidade não inventou estas indagações, mas pode-se dizer que as redescobriu a partir de novas perspectivas.

⁵ Trazer exemplos

⁶ “Não, ó minha alma, vida imortal não queiras, mas do factível exaure os meios”. III Pítica

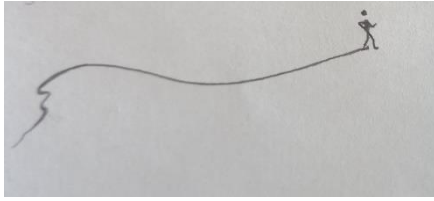


Figura 4 Ir (Desenho de autoria do autor, 2023)

No ocidente, durante a prevalência do cristianismo, a moral judaico-cristã, respondeu a essas indagações a partir de seus dogmas. Se “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1), entende-se que tudo permanece nítido na mente do criador, as escrituras sagradas permanecem como o bastião de toda sabedoria possível sobre a existência. Foi preciso um longo processo de crítica à moralidade hegemônica para que, rompendo esse véu secular, pudéssemos vislumbrar o rosto e o corpo nu deste recém-nascido do qual nos fala Benjamin. A gênese desta atitude filosófica tem em Nietzsche um dos seus principais expoentes. O filósofo, cujas marteladas⁷ precisas, denunciava a fragilidade dos ídolos que até então serviam de guia da existência.

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor destes valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno) um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 1998, § 6, p. 12).

Para o filósofo, os valores morais instituem preconceitos ou mal-entendidos, uma dinâmica que blindou o acesso do pensamento ao que Píndaro chamou de *campo do possível*. A imagem de Benjamin, a do humano recém-nascido e nu, contrapõem-se ao humano ocidental adulto, envelhecido e acostumado à sua maneira de pensar, com suas vestes e hábitos inflexíveis, a nudez revela um corpo novo para o qual aquelas antigas vestes e hábitos já não mais se adequam.

Esse corpo novo também é múltiplo, constitui-se a partir dos elementos de múltiplas culturas. Para esse *recém-nascido* é urgente que se amplie a maneira de pensar, uma perspectiva afirmativa da terra na qual dará seus

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos – ou como filosofar com o martelo. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 33.

primeiros passos, o que se contrapõem frontalmente a perspectiva tradicional da idealização do existir. Tendo sido um importante expoente desta nova perspectiva, Nietzsche, em seus escritos, aponta para uma crítica que ele

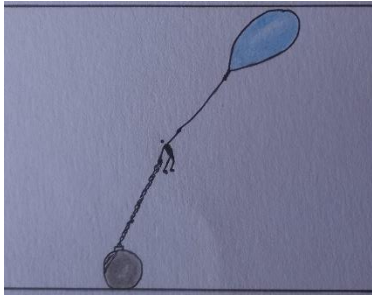


Figura 5 O ponto (Desenho de autoria do autor, 2023)

direciona aos filósofos em geral, que é a tendência de partir de uma concepção fixa do humano e de suas características, ignorando o contexto histórico e cultural em que essas concepções surgiram e se modificaram no espaço-tempo. Ele argumenta que essa falta de senso histórico pode levar filósofos a imaginar que existe uma verdade universal e eterna sobre o humano, que pode ser descoberta por meio da análise de seu estado⁸ atual. No entanto, segundo Nietzsche, essa concepção é equivocada, pois as características do humano são moldadas pelas condições históricas e culturais em que ele vive, e estas mudam no espaço-tempo.

Com isso, sua crítica se direciona à visão de que é possível compreender o humano como uma verdade universal e eterna, argumentando que é necessário levar em conta o contexto histórico e cultural em que as concepções sobre o humano surgem e se transforma. Para Nietzsche, a falta de sensibilidade para a história e a cultura é um defeito comum entre os filósofos e pode levar a concepções equivocadas sobre o humano.

Todos os filósofos têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo. Involuntariamente imaginam “o homem” como uma aeterna *veritas* [verdade eterna], como uma constante em todo o redemoinho, uma medida segura das coisas. Mas tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo bem limitado. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; inadvertidamente, muitos chegam a tomar a configuração mais recente do homem, tal como surgiu sob a pressão de certas religiões e mesmo de certos eventos políticos, como a forma fixa de que se deve partir (NIETZSCHE, 2000, § 2, p. 16).

⁸ Explicar a qual homem se referem os filósofos

Nietzsche nos conclama a ocuparmos a história, o campo do possível é o único lugar onde o pensamento encontra a dinâmica da potência da vida. Esse conclame, para além de um exercício de retórica, nos mostra uma nova perspectiva para que se pense sobre a existência de homens e mulheres a partir de um ângulo até então impensável. Atuar no sentido histórico e, tal como Píndaro, incitemos nossa alma em direção ao campo do possível. Entretanto, essa postura pressupõe que abandonemos o campo metafísico como matriz da existência e atuemos, por fim, na história.

Meus irmãos, permaneçei fiéis à terra com toda a força de vossa virtude! Sirvam ao sentido da terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. A tanto vos rogo e a tanto vos conjuro. [...] Que vossa inteligência e a vossa virtude sirvam ao sentido da terra, meus irmãos, e o valor de todas as coisas será renovado por vós. Para tanto, deveis ser combatentes! Para tanto, deveis ser criadores! (NIETZSCHE, 2008, p. 110).

E as nossas condições históricas e culturais? Nietzsche não poderia prevê-las, mas destaca o fato de sermos influenciados por estes atravessamentos da cultura e da história. Será que podemos então pensar a demanda de Julho a partir deste filósofo? Qual será a doença moral que o atravessa? Ou será que o diagnóstico, tal como a moral denunciada pelo filósofo, constitui o grande mal-entendido da nossa época?

Nietzsche incita o pensamento a retirar-se dos desertos do transcendente, para que adentre o campo das possibilidades humanas, em cujo cenário a inteligência passa servir ao sentido da terra. O que isso significa? Em linhas gerais, significa que os valores tradicionais não respondem mais às aspirações de povos que anseiam por novas perspectivas. O existencialismo se estrutura de maneira a problematizar questões profundas dessa nova maneira de atuar no mundo, procurando engendrar novas formas de situar-nos neste cenário dinâmico e diverso.

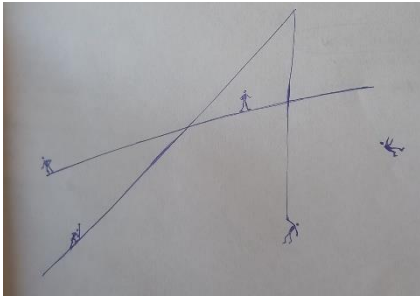


Figura 6 Dúbio (Desenho de autoria do autor, 2023)

Os primeiros existencialistas não são necessariamente ateus, muito embora "o ateísmo não seja um componente necessário do pensamento existencial" (REYNOLDS, 2013 p.12). Kierkegaard, Husserl, Jasper e Gabriel Marcel constituem o primeiro núcleo do que viria a ser o existencialismo contemporâneo. Uma característica interessante destes filósofos é que percebiam a profundidade da tragédia existencial, mas procuravam solucioná-la a partir do restabelecimento da fé cristã, entendiam-na como elemento central na existência humana. "Da perspectiva de Kierkegaard a reflexão pressupõe uma retirada para a incerteza, e tal como é quase inevitavelmente acompanhada pelo desespero" (REYNOLDS, p.17, 2013). Ao chegar "esses lugares desertos e sem água onde o pensamento atinge os seus confins (CAMUS, p.24, 2022), Kierkegaard consola-se com o salto para a fé, que se torna incontornável em sua filosofia.

Para o filósofo dinamarquês, a existência humana é marcada por uma tensão entre a finitude e a infinitude, ou seja, entre a limitação da vida humana e a possibilidade de alcançar algo maior e transcendente. A fé é uma forma de lidar com essa tensão e superar a angústia de nossa finitude existencial. No entanto, a fé não pode ser alcançada por meio da razão ou da evidência objetiva, mas sim por meio de um ato de vontade, que ele chamou de "salto para a fé". Esse salto envolve uma escolha subjetiva, um comprometimento pessoal com a crença em algo que não pode ser provado objetivamente. Nesta perspectiva, a fé não é uma questão de conhecimento, mas de escolha pessoal, que envolve um risco, uma vez que não há garantias de que a crença escolhida seja verdadeira.

Desde a narrativa bíblica de Abraão, o filósofo destaca que Deus é um Ser que transcende o entendimento humano, tornando-se incognoscível através da razão, devido à enorme discrepância entre a natureza divina e a humana. Kierkegaard ilustra esse ponto de vista ao afirmar que "a fé começa precisamente onde acaba a razão" (KIERKEGAARD, 1979, p. 135). Indicando que a compreensão da divindade requer uma crença inabalável que transcende

a lógica e a razão. O salto, portanto, uma forma de transcender a finitude humana e alcançar a infinitude, por meio de uma escolha subjetiva e pessoal, uma opção por acreditar. Essa ideia é central na filosofia de Kierkegaard e influenciou profundamente o pensamento religioso e existencialista do século XX. A sensibilidade do filósofo dinamarquês alcança um dos mais profundos questionamentos existenciais, responde a ele a partir dos elementos culturais de sua época, a fé. As gerações exploram esses mesmos lugares existenciais de Kierkegaard, mas suas respostas ao problema serão diametralmente opostas.

A filosofia existencialista tem como base a ideia de que os valores judaico-cristãos não podem mais ser considerados o centro privilegiado da cultura, o que cria um vácuo que leva a questionamentos fundamentais sobre a existência humana. Esses questionamentos são centrais para os existencialistas que buscam respostas para perguntas como: "qual é o meu propósito?", "o que significa ser humano?", "como devo viver minha vida?" e "qual é o sentido da existência?". No entanto, o ponto central da filosofia existencialista não está apenas nos questionamentos em si, mas na maneira como são abordados e nas respostas e reflexões que surgem a partir dessas indagações. Em resumo, a filosofia existencialista se concentra em examinar profundamente as questões fundamentais da existência humana, buscando compreendê-las e encontrar sentidos para a vida.

O existencialismo se opõe, portanto, à tentativa de sistematizar de forma racional e universal a existência humana, pois consideram que tal esforço pode gerar um bem-estar momentâneo, mas é intrinsecamente falho na explicação da complexidade da realidade. Embora possa ter algum valor individualmente, o pensamento sistematizado nunca pode corresponder plenamente à riqueza e à multiplicidade da experiência humana. Portanto, os existencialistas argumentam que nenhum sistema filosófico pode representar de maneira satisfatória a totalidade da existência, tal explicação é sempre temporária e pode gerar bem-estar momentâneo, por isso pode não ser irrelevante do ponto de vista individual, mas falsa do ponto de vista da explicação da realidade. Disto decorre a opção por atitudes intelectuais que trazem à tona o caráter plural, dinâmico e paradoxal das experiências humanas.

Desta perspectiva, a experiência vivida tem um valor maior do que a teoria, identificando o conceito de realidade com o conceito de ser humano. Realocado no centro da história, o indivíduo se vê frente a uma realidade à qual ele próprio precisa dar sentido. Cada pessoa se depara com uma realidade singular e, portanto, frente a esse pluralismo a busca por uma verdade universal objetiva não tem sentido. Assim, no existencialismo, o pensamento não é sistematizado, não são dadas respostas, o que se traz à tona são tensões existenciais, questões que permitem a cada um pensar sua relação com o mundo, ou seja, sua existência.

É neste cenário, com renovadas perspectivas filosóficas, que atua o pensamento do ensaísta franco-argelino Albert Camus (1913-1960)⁹. Em seus primeiros ensaios, o autor nos apresenta um conceito que se tornaria incontornável em sua obra, qual seja, o absurdo. A proposta a partir do conceito é a de pensarmos as possibilidades de uma existência sem subterfúgios, em outras palavras, como resistir à tensão existencial de viver em um mundo em busca de sentido, sem que esse sentido existencial exista de fato como um dado no mundo. A absurdidade que o autor propõe não se caracteriza como um dado que pode ser isolado no pensamento humano ou no mundo, pois é o resultado do encontro de ambos. A inteligência humana, em sua reiterada busca por sentido, é confrontada com a natureza irracional e indiferente do mundo. Nosso apetite por certezas, pelo absoluto, pela unidade e pela verdade se depara com um cenário irreduzível a essas categorias, eis o ponto de tensão em que habitamos e ao qual precisamos responder.

A pergunta *por que existo?* permanece sem resposta na medida em que continuamos incapazes de vislumbrarmos uma finalidade, com isso, nos escapa o significado objetivo do nosso existir. O Absurdismo, como sistema de crenças, nasceu quando Albert Camus publicou seu ensaio *Mito de Sísifo*, em 1942. O absurdo se estabelece a partir do confronto entre o apelo humano por razoabilidade e da indiferença do mundo frente a esse apelo. Assim, O sentimento do absurdo pode surgir de muitas maneiras da percepção da desumanidade e indiferença da natureza, da percepção da temporalidade do

⁹ Camus não se considerava filósofo, nem existencialista. Tal postura fica explícita em (CAMUS, 1965a, p. 1427). Disponível em: CAMUS, A. Carnets II. Janvier 1942 – mars 1951. 1964.

homem ou da morte que revela a inutilidade da vida humana ou do choque causado pela percepção da inutilidade última da vida cotidiana e sua rotina.

Em outras palavras, somos conclamados a dar um sentido para a existência. Ao longo da história, tem-se buscado formas de suavizar a angústia que permeia a existência humana. Na Idade Média, por exemplo, muitos encontravam consolo na religião, seguindo os ensinamentos da igreja e ansiando pela salvação divina. Já na modernidade, a ciência ganhou destaque como uma tentativa de preencher o vazio existencial, e muitos encontraram propósito na descoberta da verdade através do método científico. Atualmente os sentidos existenciais são, em geral, relacionados a lógica neoliberal do *self-made man*, do empreendedorismo de si, sempre circunscrito pela esperança do sucesso normativo e ascensão ao status de burguês. Esse sentido ou direcionamento existencial não completa a existência, apenas age como um subterfúgio que nos afasta do projeto mais autêntico de cada um. O projeto de existência de uma pessoa influenciada pelo neoliberalismo é uma espécie de projeto herdado, no qual valores são assimilados de forma desalinhada com a realidade concreta, resultando em uma perspectiva que distorce a leitura de mundo.

O conceito de absurdo adquiriu amplas e diversas conotações na filosofia, na teologia e nas artes, tornou-se a expressão para o fracasso dos valores em atender às necessidades humanas. A palavra tem sua origem etimológica no latim *absurdus*, que significa desarrazoado, deslocado, discordante etc. Compreendido como ilógico ou logicamente contraditório, portanto, sem sentido, a teoria do absurdismo está de certa forma intimamente relacionada com as teorias do niilismo. Segundo Camus, a origem do absurdo remonta ao conflito humano que se estabelece pela nossa incapacidade de explicar a existência em termos racionais. O autor sustenta que a realidade, como um todo, coloca um problema peculiar e a racionalidade não se furta a compreender, buscando em seus limites atribuir sentido de modo crítico a vida em geral. Então

se representa esse estado d'alma em que o vazio se torna eloquente, em que a cadeia dos gestos cotidianos é rompida, e em que o coração

inutilmente procura o anel que a restabeleça, então ela é como que o primeiro sinal da absurdidade (CAMUS, 2022, p. 27).

No Mito de Sísifo, o autor considera o absurdo como um confronto, uma oposição, um conflito ou um divórcio entre dois ideais. Tendo definido especificamente a condição humana como absurda, ou seja, uma condição localizada no “confronto entre esse irracional e esse desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem” (CAMUS, 2022, p. 34). O autor conclui que o reconhecimento é a única opção defensável, visto que pela plena consciência da experiência do absurdo, teríamos as seguintes escolhas: o suicídio, um salto na fé ou a revolta.

O herói absurdo é aquele que, reconhecendo a falta de sentido da existência, não se entrega ao suicídio, mas abraça a luta e a contradição de viver sem um propósito pré-definido. Essa dedicação absoluta à vida é possível porque o herói absurdo sabe que não há verdade ou coerência no universo e, por isso, rejeita os valores que se impõem como naturais. Como escreveu Camus, "onde reina a lucidez, a escala de valores se torna inútil" (CAMUS, 2022, p.67). Quando Sísifo enfrenta sua tarefa interminável de empurrar a rocha até o topo da montanha, ele começa a perceber o absurdo de sua situação. Ao chegar ao topo, Sísifo toma consciência da futilidade de sua tarefa e se depara com a decisão de continuar sua revolta absurda na alegria ou na tristeza. Se Sísifo se entregasse ao absurdo, enfrentaria a tarefa com pena, o que seria um "suicídio metafórico". Se, por outro lado, Sísifo se entregasse à tristeza, estaria admitindo que a vida sem um propósito faz com que não valha a pena ser vivida. No entanto, Camus sugere que Sísifo pode reter a alegria sem esperança ou propósito em seu retorno à rocha, aceitando a contradição absurda da tarefa e tornando-se o herói absurdo.

Camus nos afirma que um mundo familiar é aquele que pode ser explicado, mesmo que por meio de raciocínios errôneos. No entanto, em um universo desprovido de ilusões e luzes, o homem se sente estrangeiro (CAMUS, 2022, p. 21). Durante a escuta dos pacientes no SEP, chamou-nos a atenção a busca por diagnósticos ou testes que pudessem comprovar as hipóteses de transtornos. Diante disso, surge a possibilidade de estarmos diante de uma "tentativa equivocada" de explicar a si mesmos, seus afetos e angústias, como

uma forma de escapar do sentimento de estranhamento, da absurdez da existência. Acredito que o conceito de absurdo, aplicado à clínica psicológica, pode ser compreendido como a percepção da falta de sentido e coerência existencial na vida humana. Essa noção de absurdo destaca a tensão entre a busca individual por significado e propósito, e a realidade caótica, imprevisível e desprovida de um propósito inerente. No contexto da clínica psicológica, o reconhecimento do absurdo pode ser relevante para a compreensão das experiências humanas e dos desafios emocionais enfrentados pelos indivíduos. Por fim, propomo-nos a continuar nosso trabalho, agora com o objetivo de responder à seguinte pergunta: É possível pensar em uma clínica do absurdo?

Conclusão

Kierkegaard atingiu os limites do pensamento, onde a razão não mais explica a existência. Ele fez então o salto para a fé, como afirmou: "a fé começa precisamente onde acaba a razão" (1979, p. 135). Isso denunciou a limitação da razão na compreensão dos limites existenciais. A questão é: Será que Julho ocupa esse espaço liminar, onde a razão atinge seus confins e executa o salto em direção ao diagnóstico que afirma e passa a defender como constitutivo de si mesmo? O salto de Kierkegaard encerrou as possibilidades de compreensão existencial. No entanto, Julho, ao fazer seu salto, encerra possibilidades criativas de entendimento da sua dor e do seu sofrimento.

Neste sentido, pensar o absurdo como inerente à condição humana nos permite utilizá-lo como desorganizador de sentidos. Camus explora o absurdo como a discrepância entre a busca humana por significado e a aparente falta de sentido do universo. Ele argumenta que, ao nos depararmos com o absurdo, somos confrontados com a necessidade de escolher entre o suicídio filosófico (abandonando a busca por significado) e a revolta (criando nosso próprio significado).

Ao adotarmos a perspectiva do absurdo como desorganizador de sentidos, revelamos a fragilidade das certezas e das estruturas de significado que sustentam nossas vidas cotidianas. As normas sociais, os valores

estabelecidos e as crenças tradicionais são submetidas a uma análise crítica, o que nos permite questionar por que aceitamos esses sistemas como verdades inquestionáveis. Como observado por Camus, "O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois" (2019, p.36), o que nos sugere uma elaboração conjunta entre nossa busca por sentido e a indiferença aparente do mundo.

Através do prisma do absurdo, as fissuras nas fachadas da realidade se tornam evidentes. Ao questionar a lógica subjacente a situações absurdas, somos incentivados a desnaturalizar as convenções sociais que normalmente passam despercebidas. Como resultado, podemos nos tornar mais conscientes das contradições e paradoxos que permeiam nossa existência. A revolta contra o absurdo, então, não é apenas uma resposta filosófica, mas também uma postura crítica que convida a dismantelar as estruturas que limitam nossa compreensão do mundo.

Considerar o absurdo como um desorganizador de sentidos nos convida a abraçar a ambiguidade e a incerteza como partes inerentes da condição humana. Essa abordagem não apenas desafia as noções tradicionais de significado, mas também oferece uma abertura para a criatividade, a imaginação e a construção ativa de nossas próprias narrativas. Em última análise, o absurdo nos lembra da importância de questionar, explorar e redefinir constantemente nossas perspectivas, à medida que navegamos por um mundo que, embora possa parecer desprovido de sentido, é moldado pelo significado que escolhemos atribuir a ele.

Além de nos permitir questionar as normas e estruturas sociais, a reflexão sobre o absurdo se torna ainda mais pertinente em nossa época contemporânea, caracterizada por complexas crises e desafios. Em um mundo onde crises políticas, pandemias e preocupações existenciais muitas vezes parecem estar em ascensão, a compreensão do absurdo nos oferece uma bússola filosófica para navegar pelas águas turbulentas da existência. Ao abraçar a ambiguidade e a incerteza como parte integrante de nossa existência, somos capacitados a encontrar significado em meio ao caos, e a busca por nossa própria narrativa ganha ainda mais relevância.

Além disso, é importante notar como a noção de diagnóstico na psicoterapia também pode ser vista sob a luz do absurdo. Em vez de encarar o diagnóstico como uma sentença definitiva que rotula a dor de alguém, podemos abraçá-lo como uma oportunidade criativa de entendimento. Ao reconhecer a complexidade da experiência humana, o diagnóstico pode servir como um ponto de partida para a exploração e a autodescoberta. Em vez de limitar-nos a um rótulo, ele pode abrir portas para a compreensão mais profunda de nossa própria psique e para a busca de estratégias criativas de cura e crescimento pessoal. Assim, o diagnóstico, quando visto sob a perspectiva do absurdo, pode ser transformador, capacitando-nos a forjar um caminho único de autorreflexão e superação das adversidades.

A guisa de conclusão, nada concluímos. “Nau da loucura, mar das ideias.” Absurdemo-nos, amigos, ou...



.....

Figura 7 Navegar (Desenho de autoria do autor, 2023)

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. São Paulo: Rocco, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PÍNDARO. **Pítica III.** Tradução de José Cavalcante De Souza. Revista USP, São Paulo, n.43, p. 188-201, set./nov. 1999.

HANNAY, A. (Org.). **Either/Or: A Fragment of Life.** Edição abreviada. Tradução, introdução e notas de Alastair Hannay. New York: PENGUIN BOOKS, 2004. Disponível em: [https://img1.wsimg.com/blobby/go/36ba381a-9850-4782-a471-dbe0bfa3c3b6/downloads/Either_or%20-%20S%C3%B8ren%20Kierkegaard%20\(pdf\).pdf?ver=1611846256813](https://img1.wsimg.com/blobby/go/36ba381a-9850-4782-a471-dbe0bfa3c3b6/downloads/Either_or%20-%20S%C3%B8ren%20Kierkegaard%20(pdf).pdf?ver=1611846256813)>

Acessado em fevereiro de 2023.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Temor e Tremor** (Coleção os Pensadores). Tradução Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
258 p.

